

Nº 133, dez/98, p.1-3



PRODUÇÃO DE PALMITO DE PUPUNHA EM ASSOCIAÇÃO COM ESPÉCIES FLORESTAIS SOB DIFERENTES ESPAÇAMENTOS

Aureny Maria Pereira Lunz¹
Antonio Willian Flores de Melo²

No Trópico Úmido há uma grande diversidade de espécies tropicais, árvores, arbustos e palmeiras, que podem ser exploradas economicamente, com os mais diversos fins produtivos (óleo, madeira, fruto, semente, resina, corante, palmito etc).

A pupunha (*Bactris gasipaes* H.B.K.) é uma das espécies, que se destaca por ser rústica, de rápido crescimento, tolerante a solos de baixa fertilidade natural, e ter potencial agro-industrial para seus derivados. Embora a comercialização de alguns de seus produtos não seja elevada, acredita-se que o seu mercado é muito amplo. O fruto é utilizado tanto na alimentação humana como animal, na forma de farinha, granulado, in natura, como ração etc. O palmito é consumido in natura ou enlatado e o estipe, utilizado como parquet e madeira ornamental. Destes, o que mais se destaca no mercado nacional e mundial é o palmito.

A pupunheira sobressai-se como produtora de palmito devido sua precocidade, rusticidade e elevado perfilhamento. Apesar do palmito produzido ter características diferentes das espécies tradicionalmente utilizadas, é bem aceito no mercado.

O Brasil é o maior produtor mundial de palmito, e também o maior consumidor e exportador. Cerca de 90% de sua produção é consumida internamente e o restante exportado, o que o torna responsável pelo abastecimento de 85% do mercado mundial.

O palmito brasileiro que é obtido de diferentes espécies de palmeiras, pertencentes ao gênero *Euterpe*, vem sendo extraído em bosques naturais, de forma totalmente predatória, de plantas nativas de juçara (*Euterpe edulis*) e principalmente açai (*Euterpe oleraceae*), que é o responsável por aproximadamente 90% da sua produção.

O grande interesse na produção de palmito de pupunha vem ocorrendo em virtude da redução na oferta desse produto, causada pelo esgotamento das reservas naturais de palmito de juçara no Sudeste do País e pelas dificuldades de exploração encontradas no Estado do Pará, para extração do palmito de açai, que elevam o custo e interferem na qualidade do produto final.

No Estado do Acre, essa espécie é cultivada normalmente para produção de frutos, em monocultivo ou consorciada, sendo encontrada principalmente como componente de sistemas agroflorestais. Mais recentemente, o interesse dos produtores locais voltou-se para o cultivo dessa planta como produtora de palmito. Entre os maiores investidores na produção de palmito de pupunha na região, citam-se a empresa BONAL (Borracha Natural S.A.) e os agricultores do Projeto RECA (Reflorestamento Econômico Consorciado Adensado).

Devido a uma tendência de diversificação dos plantios de pupunha para a produção de palmito, estes são realizados em pequenas propriedades rurais na forma de consórcios com espécies florestais, as mais variadas, em diversos arranjos e espaçamentos.

Dados sobre a viabilidade desse tipo de sistema praticamente inexistem. Há informações sobre sistema de cultivo de pupunha para palmito, porém sempre em monocultivos. Os

¹ Eng.-Agr., B.Sc., Embrapa Acre, Caixa Postal 392, 69908-970, Rio Branco, AC.

² Eng.-Agr., Bolsista CNPq – RHAE/DTI.

PA/133, CPAF-Acre, dez/98, p.2

conhecimentos que existem sobre essa espécie, na forma de consórcio, são referentes ao cultivo para a produção de frutos, que se comporta de forma totalmente diferenciada.

Neste sentido, o presente trabalho objetiva selecionar espaçamentos e espécies florestais que melhor se adaptem à produção de palmito de pupunha em sistemas agroflorestais.

Para tanto, está sendo conduzido um experimento em duas propriedades no Projeto RECA - RO e em uma no Projeto de Colonização Humaitá -AC. O RECA possui 274 sócios e uma área de 650 ha de SAFs, localiza-se na vila Nova Califórnia, às margens da BR- 364, sentido Rio Branco - Porto Velho, a 150 km da capital do Acre. O Humaitá situa-se na rodovia AC-10, no município de Porto Acre, a 30 km de Rio Branco, possuindo uma área de 57.364 ha, dividida em 950 lotes.

O solo dominante nas duas áreas é Podzólico Vermelho-Amarelo álico, com relevo suave ondulado. A pluviosidade anual é em torno de 1.900 mm e temperatura média de 25°C, com estação seca bem definida de julho a setembro, e média de umidade relativa do ar de 87%.

O experimento foi instalado em dezembro de 1997, nessas duas comunidades. O delineamento experimental utilizado foi o de blocos ao acaso, com parcelas subdivididas e três repetições, sendo as parcelas representadas pelos espaçamentos e as subparcelas pelas espécies florestais. Cada bloco foi alocado em uma propriedade diferente e ocupa uma área de aproximadamente 1,4 ha.

Os arranjos e espaçamentos utilizados foram selecionados de forma participativa com a comunidade, baseados nas experiências e sugestões dos agricultores e em dados bibliográficos.

Os espaçamentos adotados foram:

- 1) Linhas simples de pupunha de 2,0 m x 1,0 m (5.000 plantas/ha), com espécies florestais plantadas a 10,0 m x 10,0 m (100 plantas/ha), nas entrelinhas de pupunha;
- 2) Linhas duplas de pupunha de 1,5 m x 1,0 m x 3,0 m (4.444 plantas/ha), com espécies florestais plantadas 13,5 m x 10,0 m (74 plantas/ha), nas entrelinhas maiores, a cada três linhas duplas de pupunha;
- 3) Linhas quádruplas de pupunha de 2,0 m x 1,0 m x 4,0 m (4.000 plantas/ha), com espécies florestais plantadas a 10,0 m x 10,0 m (100 plantas/ha), nas entrelinhas maiores de pupunha (4,0 m);
- 4) Linhas quádruplas de pupunha de 2,0 m x 1,0 m x 4,0 m (4.000 plantas/ha), com espécies florestais plantadas a 10,0 m x 5,0 m (100 plantas/ha), nas entrelinhas maiores de pupunha (4,0 m);
- 5) Linhas quádruplas de pupunha de 2,0 m x 1,5 m x 4,0 m (2.666 plantas/ha), com espécies florestais plantadas a 10,0 m x 10,0 m (100 plantas/ha), nas entrelinhas maiores de pupunha (4,0 m);
- 6) Testemunha - pupunha solteira nos espaçamentos 2,0 m x 1,0 m; 1,5 m x 1,0 m x 3,0 m; 2,0 m x 1,0 m x 4,0 m; 2,0 m x 1,5 x 4,0 m.

As espécies florestais utilizadas foram: mogno (*Swietenia macrophylla*), bandarrea (*Schizolobium amazonicum*) e freijó (*Cordia alliodora*).

Com relação ao histórico das áreas, observou-se que dois blocos localizados no Projeto RECA eram capoeiras velhas, recém-desmatadas e queimadas, e o bloco do Projeto de Colonização Humaitá era área de pasto degradada que foi mecanizada para implantação do experimento.

A avaliação do experimento baseia-se na análise das seguintes variáveis:

- 1) Pupunha: sobrevivência, desenvolvimento (altura total e diâmetro da copa, diâmetro e comprimento do estipe, percentual de plantas perfilhadas); produção (peso do palmito comestível, diâmetro da base e ápice, comprimento, resíduo basal e apical); estado nutricional e fitossanitário da planta.
- 2) Espécies florestais: sobrevivência; desenvolvimento (altura total, altura da copa, diâmetro basal, diâmetro à altura do peito - DAP, diâmetro da copa); estado nutricional e fitossanitário das plantas, interações com a pupunha e produção (sementes e madeira).
- 3) Solos: dinâmica das propriedades químicas (reação do solo, complexo sortivo e carbono orgânico) e físicas (densidade do solo, densidade de partículas, análise textural, argila dispersa em água e separação de agregados a seco), para correlacionar com o desenvolvimento das culturas.

PA/133, CPAF-Acre, dez/98, p.3

- 4) Análise econômica do sistema: avaliação dos custos de produção e receitas para cada tratamento utilizado.

Antes da instalação do experimento coletaram-se amostras de solos para caracterização das áreas. Devido ao grande volume de material para análise no laboratório de solos da Embrapa Acre, o resultado das amostras não se encontram disponíveis até o momento.

Seis meses após a implantação do experimento efetuou-se a primeira avaliação do desenvolvimento e taxa de sobrevivência da pupunha e espécies florestais, estes dados encontram-se em fase de tabulação. Entretanto, observações preliminares demonstram que os tratamentos ainda não influenciaram significativamente no comportamento das culturas.

A média geral da taxa de sobrevivência das plantas de pupunha foi de 75%, altura total 0,47 m, comprimento do estipe 0,22 m, diâmetro do estipe 1,20 cm, diâmetro da copa 0,36 m e número de folhas 5,20.

A taxa de sobrevivência das espécies florestais foi elevada, 96% para o freijó, 85% para o mogno e 78% para bandararra. A altura total foi de 0,97 m, 0,80 m e 2,21 m, diâmetro da copa de 0,72 m, 0,63 m e 2,07 m e diâmetro basal de 0,97 cm, 0,80 cm e 2,21 cm, para o freijó, mogno e bandararra respectivamente. Observa-se que a bandararra foi a espécie que mais se destacou, pelas suas características e pelo desenvolvimento inicial bastante grande.